

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

LAUDO ANTROPOLÓGICO

CEDI - P. I. B.
DATA 15, 10, 86
COD PE 102

Os primeiros habitantes do atual município da Glória, no Estado da Bahia teriam sido os membros da tribo dos "mariquitas" e "pancarus" (IBGE, 1950: 238).

Capistrano de Abreu registrou a existência de uma missão de domínio franciscano com 80 casais "Quiriris" (Abreu, 1963) nessa região.

Na história da Companhia de Jesus há uma referência à aldeia de Curral de Bois (Leite, 1945: 308). Os anciãos do grupo Pankararé de Brejo do Burgo disseram que vieram de Curral de Bois.

Os Pankararu de Brejo dos Padres e os Pankararé do Brejo do Burgo, provavelmente no passado constituíam um único grupo, dividido em metades.

Os primeiros contatos com os índios Pankararé se deram no século XVII e foram realizados por frentes de penetração de caráter agro-pastoril em busca de novas pastagens no sertão do São Francisco.

De acordo com o conceito de integração de Darcy Ribeiro, seriam "integrados" aqueles índios que tendo sofrido uma série de compulsões, conseguem sobreviver, ilhados em meio à população nacional, a cuja vida econômica se incorporam como mão de obra desqualificada e barata. Esses indivíduos são incapazes de manter sua integridade étnica e ficam reduzidos, irreversivelmente ao contingente marginalizado de trabalhadores braçais; sendo assim o processo de integração acabaria por ter os efeitos dolorosos do etnocídio.

Ao se venderem como mão de obra barata, acabam perdendo a proteção oficial sob a alegação de que não vivem mais como "índios".

Para a identificação étnica, antigamente se utilizava o critério racial e biológico, entretanto, os índios não constituem uma única étnia, mas populações que apresentam diferenças en-

tre si, sendo que desde a época da colonização houve cruzamentos entre brancos, índios e negros. Portanto independentemente, dos Pankararé terem se cruzado com a população branca que nesses últimos cinquenta anos vêm se estabelecendo no Brejo do Burgo, permanecem sendo índios.

O critério cultural de identificação étnica não tem sido mais utilizado, pois a soma de traços culturais pode não ser importante, uma vez que apenas um traço (ex.: Toré), eventualmente sendo fator de coesão grupal, pode determinar a identificação.

O critério de auto-identificação étnica é o mais aceitável e tem sido utilizado pela grande maioria dos antropólogos. De acordo com esse conceito seria índio todo indivíduo reconhecido como membro por uma sociedade de origem pré-colombiana, que se identifica como etnicamente diversa da nacional e é considerado indígena pela população nacional, se auto-identificando como tal. Levando-se em consideração esse critério os Pankararé de Brejo do Burgo são índios, a não ser pela passagem: "e é considerado indígena pela população nacional". Os neo-brasileiros dizem que naquela região nunca nunca existiram índios, mas a discriminação social sofrida pelos "taboelos" é a maior prova disso.

Os produtos dos índios são discriminados no mercado; a assistência médica e educacional lhes é negada; o Toré, ritual do grupo esteve proibido definitivamente pelos "brancos" durante muitos anos. Sendo que em 1966 voltou-se a dançar o Toré com o apoio dos Pankararú.

Existem dois terreiros de Toré em Brejo do Burgo, um do Nascente, na fonte grande, e outro do Poente, na ponta d'água (Brejinho). Mesmo hoje a situação é conflitiva e há sérios problemas ao se realizar o ritual.

De acordo com o Estatuto do Índio, art.3º, Título I: "Índio ou silvícola - é todo indivíduo de origem pré-colombiana que se identifica e é identificado como pertencente a um grupo étnico cujas características culturais o distinguem da sociedade nacional". Dentro do que expus acima fica claro que os Pankararé podem ser considerados índios pelo Estatuto do Índio.

Para Darcy Ribeiro, indígena seria aquela parcela da

população que apresenta problemas de inadaptação à sociedade brasileira, motivados pela conservação de costumes, hábitos ou meras lealdades que os vinculam a tradição pré-colombiana.

Creio que o processo de integração já é por si só um processo doloroso, tanto que o contato na sua história, dizimou milhares de indígenas. Para que esse processo não se transfigure em assimilação, esta deveria se dar, preferencialmente a nível econômico, ou seja, integrar os indígenas numa economia de mercado. A integração em outros níveis (ex. social, religioso) deve ter caráter optativo e não de imposição, pois qualquer mudança social tem que ser desejada pela própria população indígena, que então poderá escolher quais os valores de nossa cultura que queiram incorporar e aqueles outros valores que preferem preservar.

O grupo indígena Pankararé encontra-se em avançado estado de aculturação, vestem-se como seus vizinhos, falam a mesma língua, mas se diferem em alguns elementos de sua cultura primitiva, principalmente na esfera religiosa.

Parece que existe um desejo de volta ao passado tribal, sob esse aspecto com certa influência dos Pankararu de Brejo dos Padres. Mas deve se saber que alguns índios Pankararu já habitam o Brejo do Burgo há cerca de 15 anos.

Os laços de relacionamento social através do compadrio que é uma forma de parentesco ritual tem sido reforçado, isso estabelece uma interdependência entre os membros do grupo, excluindo "os de fora".

Há cerca de 40 anos o SPI esteve em Brejo do Burgo, se naquela época tivesse se tomado alguma providência hoje a situação dos Pankararé talvez não fosse tão miserável.

A manutenção do campesinato indígena no nordeste brasileiro, parece que só será possível com a conservação e garantia de um território tribal que irá assegurar ao índio o principal meio de produção, também propiciará o reforçamento da identidade étnica.

Quando a terra é insuficiente para a sobrevivência de todos seus ocupantes, torna-se necessário que o indivíduo venda a sua força de trabalho ao "civilizado", descaracterizando-se como camponês e se transformando em proletário rural.

Fora do território tribal se auto-identificar como

Índio implicaria em enfrentar preconceitos e estereótipos que dificultam a obtenção de trabalho assalariado. Os índios do nordeste, nos estágios finais de sua integração, vivem um processo de proletarização.

Os índios que se dirigem ao Centro-sul à procura de empregos, geralmente trabalham como ajudante de cozinha, garçon, pedreiro ou pintor.

Os Pankararé se encontram divididos em grupos domésticos, composto por famílias nucleares. Na esfera econômica se organizam em famílias nucleares para o consumo e em famílias extensas para a produção. A base da economia é a atividade agrícola, mas a caça e a coleta são atividades complementares, realizadas nas épocas de escassez alimentar, no Raso de Catarina, hoje reserva ecológica e portanto também essas atividades se encontram suspensas pelos Pankararé.

A ocupação da área pelos Pankararé e regionais dá-se de forma indiscriminada.

No Brejinho, que é uma espécie de centro do povoado, há uma concentração de "brancos" com melhor situação financeira e "caboclos" que se identificam como índios.

No Poço existem exclusivamente "caboclos" que se identificam como índios.

Na Cerquinha que é a região mais povoada, há uma ocupação indiscriminada de "brancos" e de caboclos que não se identificam como índios e caboclos que se identificam como índios. No contexto de discriminação e preconceito em que vivem, e devido às vantagens percebidas (assistência médica, merenda escolar para os filhos, etc ...) caso negem sua origem indígena, naturalmente que alguns Pankararé não se identificam como índios.

O índio camponês "melhor sucedido" tende a repudiar sua condição de índio com o objetivo de preservar uma situação privilegiada.

Os Pankararé de Brejo do Burgo possuem dois líderes: Marcelino (Cerquinha) e Manoel Xavier, detendo este último maior poder de decisão.

Nas palavras de um dos anciãos Pankararé: " há 50 anos começaram a chegar essas pessoas ..." (posseiros).

Manoel Xavier disse que: "os outros chamam nós de "caboclos"; nós somos "índios", caboclos são eles". O termo pejorativo "caboclo" que os "brancos" lhes impuseram é outro fator de discriminação.

Os Pankararé tem uma agricultura basicamente de "subsistência", plantando: milho, feijão de corda, feijão branco, algodão, gengelim, melancia e mandioca.

Não possuem nenhuma criação a não ser de algumas galinhas. Na época da escassez (seca) recorriam a caça, mas como esta tem rareado bastante nos últimos anos e com a criação de reserva ecológica do Raso da Catarina e conseqüente proibição dos índios caçarem nessa região, a situação de penúria dos Pankararé tende a se agravar, se imediatamente não setomar providências.

Os Pankararé do Brejo do Burgo são cerca de 900 indivíduos, distribuídos em 160 famílias. A relação de nomes, que segue abaixo, ainda não está completa:

Nomes dos índios Pankararé de Brejo do Burgo

CHEFE DE FAMÍLIA	LOCAL
01- Apolônio Vieira Xavier	-
02- Anézio Vieira da Silva	-
03- Adelmo Vital Medeiros	-
04- Adelaide Eugênio Feitosa	-
05- Ademir Feitosa	-
06- Afonso Feitosa	-
07- Arnaldo, filho de Nazinho	-
08- Arcedino	(Serra do Chico)
09- Amabila Vitalino de Jesus	(Poço)
10- Arcúcio Ribeiro do Nascimento	(Poço)
11- Antônio José dos Santos	(Poço)
12- Arlindo Pereira Xavier	(Poço)
13- Antônio Parabelo	(Caraíba)
14- Antônio José Braz	(Cerquinha)
15- Antônio José Filho	(S. Paulo)
16- Antenor Antônio José	(Mato Grosso)
17- Antônio da Silva	(Cerquinha)
18- Antônio Pereira da Cruz	(Cerquinha)

- | | |
|---------------------------------------|-------------|
| 19- Agemiro Vieira Feitosa | - |
| 20- Arlindo Pereira Xavier | - |
| 21- Adônico João Moreira | - |
| 22- Antonio Boaventura | - |
| 23- Agripino José da Silva | - |
| 24- Alberto Simplício da Silva | - |
| 25- Amarino Francisco Alves | (Cerquinha) |
| 26- Amarino, marido de Nercina | (Poço) |
| 27- Antônio Vitorino da Silva | - |
| 28- Anizio Ribeiro Nascimento | - |
| 29- Aprígio Vitoriano de Oliveira | - |
| 30- Brasilina Virgínia Maria de Jesus | - |
| 31- Bebê | (Poço) |
| 32- Bela Duca | (Cerquinha) |
| 33- Beto Braz | (S.Paulo) |
| 34- Corino Antônio Nino | (Poço) |
| 35- Canário de Anézio | (Poço) |
| 36- Ciço Adônico Moreira | (Poço) |
| 37- Cícero Pereira Xavier | (Poço) |
| 38- Cícero Eugênio Feitosa | (Brejinho) |
| 39- Cencilho Manoel dos Santos | (Poço) |
| 40- Cícero Antônio José | (S.Paulo) |
| 41- Deltrudes Francisco da Silva | - |
| 42- Duvar, filho de José Porfíro | - |
| 43- Dé de Aniabola | - |
| 44- Diorina Maria da Conceição | - |
| 45- Dieuri Pereira Xavier | (Poço) |
| 46- Damião Gomes Xavier | (Brejinho) |
| 47- Damião Antônio Xavier | (Brejinho) |
| 48- Domingos Luis da Silva | (Cerquinha) |
| 49- Elizeu Boaventura | - |
| 50- Eneas Pereira Xavier | (Poço) |
| 51- Eneas Eugênio Feitosa | - |
| 52- Elias Hipólito Xavier | - |
| 53- Estevam Bernardo | - |
| 54- Euclides Ribeiro Nascimento | - |
| 55- Expedito (Dito) | - |

56-	Erasmus, filho de José Porfiro	-
57-	Erasmus, filho de Pedro Francisco	-
58-	Eliziário Damião Xavier	(Brejinho)
59-	Estevão Rufino Barbosa	(Poço)
60-	Ermenegido Xavier Queiroz	(Poço)
61-	Erasma Maria de Oliveira	(Poço)
62-	Edvaldo Xavier dos Santos	(Poço)
63-	Erineu Cipriano da Silva	-
64-	Florência Barbosa da Silva	-
65-	Francisco de Cinézio	(Poço)
66-	Fausto, filho de Regina	-
67-	Gilberto da mata	-
68-	Gileno Roque da Silva	-
69-	Germano Ferreira Silva	-
70-	Gertrudes Francisco Barbosa	-
71-	Gerson Amarino Moreira	-
72-	Grosseiro	-
73-	Hortênsio	(Serrota)
74-	Herme	(Poço)
75-	Henrique Justo da Silva	(Cerquinha)
76-	Isidoro Silva Feitosa	-
77-	Isaro José da Silva	-
78-	Jonias Pereira Xavier	-
79-	José Lucas Gomes	-
80-	José Porfiro da Silva	-
81-	José Laudelino	-
82-	José, filho de Germano	-
83-	José Gomes Xavier	(Brejinho)
84-	José Vieira da Silva	(Cerquinha)
85-	José João Zequiel	(Poço)
86-	José Queiroz de Souza	(Poço)
87-	José Roque da Silva	(Poço)
88-	José Alves de Mello	-
89-	José Antonio Braz	(P.Afonso)
90-	José Ribeiro do Nascimento	(Brejinho)
91-	José Luiz Braz (Zé do arara)	(Cerquinha)
92-	João Epfânio	(Cerquinha)

93- João Feitosa	-
94- João Elias Xavier	-
95- João, filho de Germano	-
96- João, filho de José Porfiro	-
97- João Pezinho	(Serra do Chico)
98- João Fagundes do Nascimento	(Serra do Chico)
99- João Ambrósio de Oliveira	(Poço)
100- João Justo da Silva	(Cerquinha)
101- Júlio Epfânio Granjeiro	(Cerquinha)
102- Júlio de Barro	-
103- Justo José da Silva	-
104- Juarez, filho de Germano	-
105- Luiz Vitoriano de Oliveira	(Cerquinha)
106- Lindemar de Oliveira	-
107- Lino, filho de Saturnino	(Serra do Chico)
108- Luzia Maria da Conceição	-
109- Lauro Pereira Xavier	(Poço)
110- Lino Celestino de Barro	(Brejinho)
111- Luis Gomes dos Santos	(Poço)
112- Luis Elias	(Cerquinha)
113- Maria de Hipólito	-
114- Manoel Eugênio Feitosa	-
115- Manoel Ribeiro do Nascimento	-
116- Manoel, Bêio	-
117- Manoel José Noberto	(Cerquinha)
118- Manoel "Elias" Xavier	-
119- Manoel Vitoriano de Oliveira	-
120- Manoel Pereira Xavier	(Poço)
121- Manoelzinho Xavier	(Poço)
122- Manoel Gaipô	(Caraíba)
123- Manoel Sulino dos Santos	(Poço)
124- Menezes Celestino de Barro	-
125- Marcelino Epfânio Granjeiro	(Cerquinha)
126- Meriquido Vitoriano de Oliveira	(Serrota)
127- Mariinha Joana da Conceição	(Poço)
128- Názaro (Nazinho) Ribeiro do Nascimento	-
129- Nilton Vitoriano da Silva	-

130-Nécio Celestino de Barro	-
131-Nanê Vitoriano de Oliveira	(Sérrota)
132-Noé Lopes de Oliveira	(Cerquinha)
133-Oswaldo Luciano da Silva	-
134-Oswaldo José Francisco	-
135-Otília Maria da Conceição	(Serrota)
136-Ocílio Ribeiro do Nascimento	(Nêgo do Rosa)
137-Otaviano José Martins	(Brejinho)
138-Pedro José Francisco	-
139-Plácido Epfânio	-
140-Regina	-
141-Renato Angelo Pereira	-
142-Ramos Feitosa	-
143-Rufina Felina da Conceição	-
144-Rufino Gomes Xavier	(Poço)
145-Roberto Ribeiro Nascimento	(Serrota)
146-Saturnino José da Silva	(Serra do Chico)
147-Teodoro Ribeiro Nascimento	-
148-Teodósio de Boa	(Caraíba)
149-Tarcila Vieira Feitosa	(Serrota)
150-Vital Antonio Medeiros	-
151-Válido Ribeiro do Nascimento	(Serrota)
152-Vitorino Vieira da Silva	(Cerquinha)
153-Zé Branco, filho de Regina	-
154-Zé, filho de João Pezinho	(Serra do Chico)
155-Zé de Tita	(Caraíba)
156-Zé Manoeli Pereira Xavier	(Poço)

Brasília, de abril de 1981

MPCA/sloh

MINTER - FUNAI -
M^o da Penha C. de Almeida
Maria da Penha Cunha de Almeida
Antropóloga

BIBLIOGRAFIA

RIBEIRO, Darcy - Línguas e Culturas Indígenas do Brasil, Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, Rio de Janeiro, 1957.

MELLATI, Júlio César - Índios do Brasil, Editora de Brasília, Ltda, 1970, pág. 31-36.

AMORIM, Paulo Marcos de - Acamponesamento e proletarização das populações indígenas do nordeste brasileiro, Boletim do Museu do Índio nº 02, Rio de Janeiro, 1975.

SOARES, Carlos Alberto Caroso - Pankararé do Brejo do Burgo: um grupo indígena aculturado, Boletim do Museu do Índio nº 06, Rio de Janeiro, 1977.

Brasília, 15 de abril de 1981

MPCA/sloh